

Inflação recua, mas ainda afeta alimentos

CONJUNTURA / Corte de impostos sobre combustíveis e energia elétrica provoca queda inédita de 0,68% no IPCA em julho, mas não beneficia todos os consumidores. Alimentação, que pesa mais no bolso dos mais pobres, aumenta 1,30%

Inflação cai, mas comida segue em alta

» RAFAELA GONÇALVES

Refletindo a queda dos combustíveis, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial, registrou baixa de 0,68% em julho. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi a primeira vez que o índice ficou no campo negativo e a menor taxa registrada desde o início da série histórica, em janeiro de 1980. Em contrapartida, o custo da alimentação continua sem dar tréguas aos brasileiros, registrando alta média de 1,30% no mês passado.

No dia 20 de julho, a Petrobras anunciou uma redução de R\$ 0,20 no preço da gasolina vendida para as distribuidoras. Além disso, a Lei Complementar 194/22, sancionada no final de junho, que reduziu o ICMS sobre combustíveis, energia elétrica e comunicações, também impactou no resultado. Por conta disso, a gasolina teve queda de 15,48% no mês passado. E a redução do imposto afetou não só o grupo de transportes do IPCA, que recuou 4,51%, mas também o de habitação, que teve queda de 1,05%, por conta da diminuição de 5,78% no preço da energia elétrica residencial.

No entanto, segundo o economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) André Braz, só deve sentir realmente

o resultado da deflação a população de renda mais alta. Já as famílias de baixa renda devem comprometer ainda mais o orçamento com a compra de alimentos: os produtos de alimentação e bebidas tiveram, mais uma vez, a maior variação — 1,30% — dos grupos do IPCA, com impacto positivo 0,28 ponto percentual no índice de inflação do mês.

"Brasileiros de classe média baixa não vão perceber a deflação, porque não têm despesas representativas com gasolina, que é um bem de luxo pertencente à classe média alta. E a energia elétrica já era tributada em muitos estados de forma diferenciada para consumo reduzido. Uma família de baixa renda, com uma casa pequena e poucos eletrodomésticos, já não tinha uma demanda de energia com ICMS acima de 18%, logo não vai perceber a queda", avaliou Braz. O economista observou ainda que, se a inflação caiu em função de um grupo concentrado de produtos, cerca de dois terços dos itens pesquisados pelo IBGE apresentaram alta de preços.

Angela Aires, de 40 anos, é zeladora e mora com o filho, de 20 anos, que ajuda a complementar a renda domiciliar. Ela contou que tiveram momentos difíceis neste ano, devido ao alto custo da cesta básica. "Chegou uma hora em que optei por comer mais fora de casa, até pelo preço da energia. Então, nos últimos meses, fiz poucas compras

Algumas coisas melhoraram, como o quilão de tomate, mas tudo está caro. A gente tem que escolher. Troco carne por frango e não compro mais queijo. Leite, nem coloco no carrinho"

Adalberto Gomes, eletricitário

no mercado. Os preços chegaram a assustar, parecia que o preço subia todo dia."

Laticínios

A alta do grupo de alimentação, em julho, foi puxada mais uma vez pelo leite longa vida, que subiu mais de 25%. Em consequência, derivados como queijo e manteiga também registraram fortes altas. O leite contribuiu especialmente para o resultado da alimentação no domicílio, que acelerou de 0,63% em junho para 1,47% em julho. Outro destaque foram as frutas, com alta média de 4,40% e impacto de 0,04 ponto no IPCA de julho.

Alívio

Combustíveis puxam IPCA para baixo, mas alimentos ainda pesam



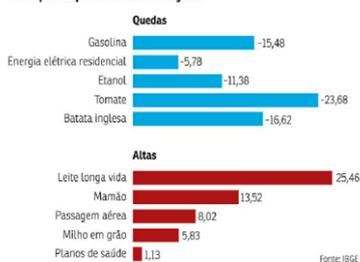
Inflação oficial mês a mês
(Variação %)



IPCA acumulado em 12 meses
(Variação %)



Principais impactos no índice em julho



Fonte: IBGE

AUXÍLIO BRASIL

Benefício vai para consumo básico

» ISABEL DOURADO*

O Auxílio Brasil de agosto, no valor de R\$ 600, que começou a ser pago ontem pela Caixa Econômica Federal (CEF), será usado pelas famílias de baixa renda para garantir o consumo básico. A quantia de R\$ 600,00 será paga até dezembro e, segundo o Ministério da Cidadania, 2,2 milhões de famílias foram incluídas neste mês na folha do benefício. A despesa com o auxílio, em agosto, alcança R\$ 12,1 bilhões.

Morador do Sol Nascente, Diones Santos do Nascimento, 33 anos, tem dois filhos, e há dois está desempregado. Segundo ele, o dinheiro irá ajudar nas provisões do dia a dia. "Já é a quinta ou sexta parcela que eu recebo do auxílio, e vou usar o dinheiro para pagar aluguel e comprar as coisas aqui de casa. Eu tenho uma criança de um ano e três meses e outra de dois anos. Esse dinheiro é bem

usado, graças a Deus. Antes eu trabalhava de eletricitista no Senado, mas a empresa mandou alguns funcionários embora e, agora, estou trabalhando com reciclagem, na rua."

As vésperas do primeiro turno das eleições, o pagamento do benefício foi antecipado pelo governo. A ordem de liberação seguirá o Número de Identificação Social (NIS) do beneficiário. Ontem, começaram a receber os beneficiários cujo NIS termina em 1. O pagamento dos demais será feito até o dia 22 deste mês. Os benefícios são pagos pelo aplicativo do Caixa Tem, que permite que o valor seja utilizado para comprar em supermercados, padarias, farmácias e outros estabelecimentos.

Pobreza

Cintia Lima, 24 anos, está desempregada, mora em Samambaia Norte, e tem duas filhas. Ela conta que o dinheiro do



Auxílio Brasil será usado para pagar contas e comprar alimentos. "Eu recebia o Bolsa Família desde o final do ano passado. Ai, no começo deste ano, comecei a receber o Auxílio Brasil de R\$ 400. Vou usar o dinheiro para pagar algumas contas como de luz e de internet e comprar

alimentos e frutas para minhas filhas." O Auxílio Brasil é destinado a famílias que estão na pobreza (renda per capita mensal de R\$ 200) ou na extrema pobreza (renda de R\$ 100). Na avaliação do economista e pesquisador da Universidade Estadual

de Campinas (Unicamp) Felipe Queiroz, o benefício servirá para possibilitar o mínimo do consumo básico e ajudará a fomentar a atividade econômica. No entanto, o país enfrenta uma situação de inflação elevada, o que pode alterar os padrões de consumo.

Desempregado e com dois filhos para sustentar, Diones Santos do Nascimento vai usar o dinheiro para pagar o aluguel e comprar provisões

Segundo o economista André Braz da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a alta inflação nos alimentos é o que mais prejudica as famílias de baixa renda. "Provavelmente esses recursos vão ser utilizados para melhorar o acesso à alimentação, e isso é bom, por um lado. Por outro, essa demanda maior por alimentos pode retardar um pouco a tendência de desaceleração da inflação", observou.

Queiroz salienta, ainda, que "as bases que construíram esse auxílio são frágeis" e não serão sustentadas a partir de janeiro do próximo ano. "Foi aberta uma brecha no orçamento e investimentos em outras áreas foram cortados. Esse governo está usando o auxílio com um viés totalmente eleitoral. Todas as falas do governo até aqui foram contra o combate da pobreza e da desigualdade", afirmou.

*Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Economia **Página:** 5